

Fazer das cinzas diamantes: a busca pela eternidade através de joias de família

Aline Lopes Rochedo¹

Resumo: Este artigo resulta da produção de uma etnografia sobre transmissão de joias no universo familiar. Considerando a morte como dimensão fundamental no repasse de um adorno entre gerações e na própria instituição de um artefato como *de família*, visitei trabalhos sobre ritos funerários, relações entre vivos e mortos e diferentes concepções acerca da morte. Encontrei produções que tratam de joias de afeto, acessórios confeccionados com madeixas humanas e metais nobres que foram moda entre camadas altas da Europa e das Américas nos séculos XVIII e XIX. Paralelamente, interessei-me por cremação e rituais envolvendo cinzas mortuárias e me deparei com reportagens e sites com narrativas sobre diamantes fabricados em laboratórios com carbono humano. Lapidadas e retornadas a famílias enlutadas em porta-joias, essas gemas, não raras vezes, se tornam adornos velados e reverenciados por alguns descendentes. Purificadas, são (re)significadas como relíquias, peças que podem enfeitar corpos ou deleitar seus guardiões e que, possivelmente, serão incluídas em partilhas, convertendo-se em nova modalidade de joias de família. A discussão que proponho envolve nova ritualização a partir da materialização de cinzas em diamantes. Este processo parece conceder nova vida social e novo estatuto ao corpo morto, que, ritualizado, interfere na presença-ausência-presença.

Palavras-chave: diamantes, joias de família, objetos, morte

From ashes to diamonds: the search for eternity through family jewels

Abstract: This article results from an ethnography on the transmission of jewelry within the family. Considering death as a fundamental dimension in transferring an adornment through generations and in the very institution of an artifact as a family, I have visited works on funerary rites, relationships between living and dead, and different conceptions about death. I found productions that deal with jewelry of affection, accessories made of human locks and noble metals that were fashionable between high layers of Europe and the Americas in the eighteenth and nineteenth centuries. At the same time, I was interested in cremation and rituals involving mortuary ashes, and came across reports and sites with narratives about diamonds made in laboratories with human carbon. Lapped and returned to bereaved families in jewelry holders, these gems often become adornments veiled and revered by some descendants. Purified, they are signified as relics, pieces that can adorn bodies or delight their guardians and that possibly will be included in shares, becoming a new modality of family jewels. The discussion I propose involves a new ritualization from the materialization of ashes in diamonds. This process seems to grant new social life and new status to the dead body, which, ritualized, interferes with presence-absence-presence.

Keywords: diamonds, family jewels, objects, death

¹ Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo e Ciências Sociais, mestre em Antropologia Social e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), da UFRGS. E-mail: alinerocado@gmail.com

Introdução

Quando um homem morre, ele se reintegra em sua respeitabilidade a mais autêntica, mesmo tendo cometido loucuras em sua vida. A morte apaga, com sua mão de ausência, as manchas do passado e a memória do morto fulge como diamante.

(A morte e a morte de Quincas Berro D'água, de Jorge Amado, [1959] 1983)

Este artigo é um recorte de uma pesquisa mais ampla – e ainda em produção – sobre transmissão de *joias de família*, um trabalho de caráter etnográfico que explora noções de *dádiva* (MAUSS, 2003; LÉVI-STRAUSS, 2003; WEINER, 1992; GODELIER, 2010; CAILLÉ, 1999, 2002, 2006; GODBOUT, 1999), *berança* (GOTMAN, 1988) e *família* (LÉVI-STRAUSS, 1980; BOURDIEU, 1993; LE WITA, 1985, 1991), temas clássicos na história da Antropologia. Sendo a morte uma das dimensões relevantes no repasse de um adorno entre gerações e na própria instituição de um artefato como sendo *de família*, busquei trabalhos sobre ritos funerários, relações entre vivos e mortos e diferentes concepções acerca da morte. Neste percurso, encontrei produções que tratam de joias de afeto, como a tese da historiadora Irina Aragão dos Santos (2014), que explorou a *vida social* (APPADURAI, 2008) e a *biografia cultural* (APPADURAI, 2008; KOPYTOFF, 2008) de acessórios confeccionados com madeixas humanas e metais nobres que foram moda entre camadas altas da Europa e das Américas nos séculos XVIII e XIX. Paralelamente, interessei-me por cremação e rituais envolvendo cinzas mortuárias e, finalmente, deparei-me com reportagens e sites com narrativas sobre diamantes fabricados em laboratórios com carbono humano.

Em minha pesquisa de doutorado, que será defendida em 2020, interessa-me, dentre outras questões, o papel mediador de *joias de família* em fenômenos que emergem da relação entre pessoas e coisas. Indago, por exemplo, como essa ordem de coisas atua nas interações sociais entre gerações, sejam intergeracionais ou transgeracionais, e exploro a categoria *joia de família* como não restrita a objeto, mas a algo polissêmico, por vezes sagrado e ambíguo e que não pode ser contido em limites físicos de adornos. Considero, inclusive, seu caráter metafórico e não raramente traiçoeiro, e que está na origem do vocábulo, como Mauss (2003) chamou nossa atenção ao sublinhar que, em inglês, *gift* corresponde a “presente”, enquanto *das Gift*, alemão, remete a “veneno”.

Partindo da leitura, em jornais, sites e revistas, de depoimentos de familiares que guardam pedras feitas com carbono de entes queridos e de reportagens com profissionais do mercado funerário, percebi o diamante humano como agente central, pois conserva alguns direitos e poderes dos que morreram, pelo menos no meio dos seus. Para quem está fora do circuito familiar, a exposição do morto, mesmo lapidado e brilhante, destoa do comportamento ideal do luto ocidental na contemporaneidade, que implica recolhimento, contenção de emoções e discrição (KOURY, 2003).

Desta forma, sinto-me instigada, neste artigo, por Sheila Harper (2010), que recorre a Alfred Gell (2013) para pensar a agência do cadáver, do sujeito morto que atua como pré-falecido. Poderia ser o pré-morto o responsável por conduzir rituais e interferir nas ações dos enlutados, mesmo que estivesse na forma de diamante. Nesta situação de pedra “preciosa”, aquele que partiu irradia beleza, pureza e reforça noções de pertença e identidade dos que ficaram. Os familiares conversam com ele, chamam-no pelo nome, carregam-no em viagens, incluem-no no cotidiano, nas atividades triviais da vida. Como ensina José Carlos Rodrigues (2006, p. 75), a morte cria novas relações, e estas não são estanques. Aqueles que morreram

continuam a influenciar os vivos (NEVES, 2014), e a estes estão incumbidos de continuar proferindo os nomes dos antepassados, para que a vida não cesse.

Lapidadas e retornadas a famílias enlutadas em porta-joias, portanto, essas gemas “humanas” não raras vezes se tornam adornos velados e reverenciados por alguns descendentes. Purificadas, são (re)significadas como relíquias, peças que podem enfeitar corpos ou deleitar seus guardiões e que, possivelmente, serão incluídas em partilhas, convertendo-se em nova modalidade de joias de família. A discussão que proponho envolve nova ritualização a partir da materialização de cinzas em diamantes. Este processo parece conceder nova vida social e novo estatuto ao corpo morto, que, ritualizado, interfere na presença-ausência-presença.

No meio do caminho tinha uma pedra²

Era véspera do Dia de Finados, em 2015, quando, em um ônibus de Porto Alegre, encontrei um jornal *Metro*³ deixado para trás sobre um dos assentos de passageiro. Peguei o periódico, acomodei-me e o abri numa página qualquer. Li e reli o título “Tecnologia torna as cinzas eternas”⁴. Voltei à capa e lá havia uma chamada para a reportagem e uma foto colorida de uma mão segurando uma pinça com um diamante: “Brilho eterno: crematórios gaúchos oferecem serviço que transforma cinzas de mortos em diamantes. Custo varia de R\$ 18,5 mil a R\$ 100 mil.”⁵ Conforme a legenda, “são necessários 500 gramas de restos cremados para o processo, que é feito na Suíça no período de apenas três meses; na natureza, o tempo de formação supera um milhão de anos.”⁶

A fotografia da matéria expunha um *close* de uma mão segurando um porta-joias aberto. Acomodada no centro, repousava uma pequena pedra lapidada e reluzente. À esquerda da foto corria um texto em duas colunas, em meia página. À direita, um infográfico mostrava ao leitor, didaticamente, como se daria a “transformação de restos mortais em uma pedra preciosa”.⁷

Tompei conhecimento da existência de laboratórios ofertando serviços de transformação de carbono humano em diamantes a partir de conversas com um colega naquela época, o antropólogo Marcos Freire de Andrade Neves, autor da dissertação *Por onde vivem os mortos: o processo de fabricação da morte e da pessoa morta no segmento funerário de Porto Alegre* (2014). Movida por curiosidade e considerando o tema um tanto quanto anedótico, busquei informações sobre o assunto na internet. Entretanto, pelo menos até me deparar com a matéria no ônibus, não me ocorrera incluir essas gemas nas reflexões da minha pesquisa de doutorado, esta sobre transmissão de joias no âmbito familiar. Reunira algum material sobre relíquias elaboradas com cabelos de mortos – as chamadas de *joias de afeto*, de luto ou de cabelo, emblemas de afetividade entre pessoas (HOLM, 2004; SANTOS, 2014) –, além de alguma bibliografia inicial acerca da morte – dimensão fundamental para a instituição de uma joia de família.

² Extraído do poema *No meio do caminho*, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), publicado pela primeira vez em 1928, na Revista de Antropofagia.

³ Periódico presente em mais de 20 países e distribuído gratuitamente. No Brasil, circula de segunda a sexta-feira em algumas metrópoles do país, como Porto Alegre.

⁴ MAGS, André. Tecnologia torna as cinzas eternas. Porto Alegre, 30 de outubro de 2015, p. 6, ed. 993, Ano 5.

⁵ **Metro**, Porto Alegre, n. 993, Ano 5, capa, 30 de out. 2015.

⁶ Idem.

⁷ MAGS, André. Tecnologia torna as cinzas eternas. **Metro**, Porto Alegre, n. 993, Ano 5, p. 6, 30 de out. 2015.

Minhas primeiras inquietações sobre a transformação de cinzas humanas em diamantes diziam respeito ao fato de cinzas mortuárias guardadas em urnas embarcarem para a Suíça com um estatuto social e retornarem aos enlutados com outro, em forma de *pedra preciosa*. Lembrei-me de Mary Douglas (s/d) ao tomar conhecimento de que os corpos partiam poeira, perigosos, ambíguos, retornando valiosos, eternos, puros. Em forma de joia, mostram-nos reportagens e depoimentos recolhidos em um conjunto de fontes da internet, o ancestral readquire sua identidade e é exibido, admirado, comentado.

Desta forma, pequenos ritos cotidianos afirmam a presença-ausência-presença, prolongam vidas associadas à materialidade (MILLER, 2005), confirmam presenças no mundo visível – por exemplo, o diamante da vovó poderia ser também o diamante-vovó, uma gema obtida a partir do carbono extraído da matriarca. Em forma de cinzas, porém, a mesma ancestral repousaria no interior de uma urna, protegida de olhares, ou seria depositada ou “jogada” em algum local da “natureza”, para, provavelmente, jamais ser avistada, mesmo que rememorada por outros meios, como por meio de narrativas e fotografias. A cremação não é o ato final para os restos mortais daqueles que passaram por esta modalidade de descarte (HOCKEY, KELLAHER, PRENDERGAST, 2006). Nem para o luto de suas famílias.

Tropeçando nessas divagações preliminares, suspeitei que, a exemplo do cadáver ou das cinzas espalhadas ou guardadas por familiares, o diamante humano não seria uma entidade uniforme – reuniria significados diferentes para pessoas diferentes, e estas não ficariam indiferentes. Em certa medida, a gema parece prolongar relações entre (alguns) mortos e (alguns) vivos e antecipar um encontro com os que ainda nem nasceram, além de estabelecer diferenças hierárquicas internas nos grupos. Como reportagens indicaram, diamantes são incluídos em atividades cotidianas e carregam nomes, apelidos e relações, além de obrigações morais, simbólicas e sociais daqueles que, como atestam instâncias legitimadoras (BOURDIEU, 2008) – certificados de garantia emitidos por especialistas, como os geólogos e gemólogos – concederam-lhes carbono para que existissem como coisas autênticas, puras e, acima de tudo, valiosas.

Guiada por Gell (2013) e sua noção de *agência*, sugiro pensar questões que emergem de casos que reuni a partir de jornais, revistas, vídeos e sites envolvendo enlutados e seus diamantes de carbono humano. Uma atitude ritual dos portadores dessas gemas – comumente convertidas em joias *da* família ao serem engastadas em ouro, prata ou platina – nos remete ao estatuto dessas relíquias. Estamos falando sobre pessoas? Seriam objetos? As duas coisas? Ou seriam coisas de outra natureza? Ao olharmos para legados de antepassados ornando as mãos de alguém, talvez vejamos anéis “de família” que não sejam mais apenas objetos imbuídos de valores morais daqueles que morreram, mas, sim, que sejam os próprios mortos, agora lapidados e reluzentes, que adquiriram nova forma no mundo visível.

Os rituais dos quais o diamante de cinzas de um morto continua fazendo parte – ou mesmo sendo o elemento que provoca ações – indicam tensões e relações entre sujeitos e objetos, uma vez que a pedra sintética é um emaranhado de traços e está imbuída de características humanas e significados. Restos mortais libertos de lápides frias, urnas escuras ou porta-joias podem ser carregados junto a corpos de outros sujeitos vivos, estes seus portadores, pois se espera que objetos de família continuem se movendo, preferencialmente dentro do próprio grupo familiar.

A discussão proposta por Gell, mesmo situada no campo da arte, ajuda a pensar sobre como um diamante humano poderia agir em uma rede de relações sociais junto a um drama

cotidiano no qual modifica, altera, atua quando do ente querido não se espera a presença física. Fazer das cinzas diamante parece trazer o morto de volta à vida, colocá-lo em circulação, torná-lo companhia tangível capaz de instituir diferenças nos grupos. Quais familiares têm mais ou menos direito para carregar o ancestral e zelar por seus restos? Como se preparam esses herdeiros? Quem são os familiares transformados em joias? Quais permanecem cinzas? Por decisão de quem? Como se constituem os ancestrais?

A continuidade da vida individual depende dos sobreviventes. Uma vez silenciada ou apagada, a individualidade se perde na coletividade, no anonimato (RODRIGUES, 2006). O diamante humano, aparentemente único, porque feito de carbono de um indivíduo autônomo e singular, é uma nova chance para uma pessoa circular e prolongar a sua existência e a sua individualidade. Vemos privilégios que se pretendem eternos condensados numa pedra pensada como eterna e repassados àqueles que por elas se tornam responsáveis.

É claro que a relação dos sujeitos vivos com o diamante e a percepção dele como corpo puro e/ou valioso depende de convenções culturais, de contextos nos quais estão inseridos – diamantes humanos são *belos e puros* porque integram culturas que assim os veem. Gemas dessa natureza entram para o conjunto das *coisas sagradas* (GODELIER, 2010), das *dádivas* (MAUSS, 2003), das posses *inalienáveis* (WEINER, 1992), bens que não podem ser vendidos, apenas repassados em rituais específicos e a serviço do elo, dos laços, da produção de linhagens – e seguirão ritualizados para que os antepassados continuem construindo conexões e vivendo entre aqueles que seguem pronunciando seus prenomes e sobrenomes. Se há intencionalidade atribuída ao objeto, ensina-nos Gell, então nele habita um espírito, uma alma, um ego.

Uma joia de marido

O militar da reserva Jorge Gaspar da Silva, de Curitiba, foi a primeira pessoa a se tornar diamante no Brasil⁸. Na realidade, teria saído das cinzas do morto o carbono usado pelo laboratório suíço Algordanza⁹ para compor a pedra de 0,25 quilate entregue à família, em 2009. Leroy, a viúva, recebeu a gema na capital paranaense:

⁸ MELLO, Kátia. Por que transformei meu marido em diamante. *Época (online)*, 9 jul. 2009. Disponível em <http://colunas.revistaepoca.globo.com/mulher7por7/2009/07/09/por-que-transformei-as-cinzas-do-meu-marido-em-diamante/> Acesso em 5 jun. 2015. Brasileiros já dispõem de diamante humano. **Scientific American Brasil**. Disponível em http://www2.uol.com.br/sciam/noticias/brasil_ja_dispoem_de_diamante_humano.html. Acesso em 12 mar. 2016. FADEL, Evandro. Viúva do Paraná obtém diamante com as cinzas do marido. **Estadão (online)**. 9 jul 2009. Disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,viuva-no-parana-obtem-diamante-com-as-cinzas-do-marido,400444>. Acesso em 23 jan. 2016.

⁹ Algordanza significa “lembrança” ou “recordação” em romanche, uma das línguas suíças. Rinaldo Willy e Weit Brimer, que fundaram o laboratório em 2004, usaram uma técnica desenvolvida na Rússia para a produção de diamantes sintéticos. Conforme dados da empresa de 2014, mais de 800 urnas com cinzas humanas de diferentes partes do mundo entram no laboratório por ano para de lá saírem transformadas em diamante. A Algordanza não é a única no mundo a oferecer o serviço. No Brasil, existe a Brilho Infinito, com sede em Santos, São Paulo. O curioso é que, embora o processo seja similar ao do laboratório suíço – produção de diamantes a partir de carbono humano –, o marketing da empresa brasileira não é feito em cima da morte, mas, sim, visando encorajar pessoas a terem diamantes fabricados “em vida” a partir de cabelo. Ver mais em <http://www.brilhoinfinito.com.br/> Acesso em 12 jun. 2016.

Foi tudo muito lindo. Eles passaram um DVD com toda a nossa história, do nosso casamento, dos nossos filhos e com uma música linda. (...) Eu nunca tinha ouvido falar nisso. Achei que poderia ser uma recordação bonita. No começo, quando o corpo é enterrado, todos visitam. Depois o lugar vai ficando abandonado. Queria fazer algo para que o Velho [apelido do marido] ficasse perto da gente. (MELLO, 2009).

Vítima de complicações cardíacas, Jorge foi sepultado em 1994, aos 61 anos. O cemitério se localiza a cerca de 20 quilômetros da residência de Leroy, e as visitas ao túmulo ficavam mais escassas na medida em que o tempo avançava. Em 2008, a viúva conheceu o serviço de transformação de pessoas em diamantes e, apesar de alguma resistência de familiares, ela decidiu exumar os restos mortais do marido e cremá-los. Em seguida, enviou dois quilos de cinzas ao laboratório suíço, onde o carbono foi “separado de outras substâncias” num processo que implica alta pressão e temperaturas elevadas. Em 2009, o serviço custava entre R\$ 12.677 e R\$ 52.330, conforme o quilate (FADEL, 2009; MELLO, 2009). De acordo com Mello (2009), da revista *Época*,

[Q]uando as cinzas humanas saem do crematório, elas recebem um número de série que é a identificação a ser usada em todo o processo. “No laboratório suíço, é feita uma auditoria da estrutura química da pessoa antes de iniciar a transformação das cinzas em diamante”, explica Mylena Cooper, uma das diretoras da funerária Vaticano [intermediária do serviço em Curitiba]. Depois de pronta a joia, o instituto gemológico suíço (que estuda as pedras preciosas), emite um certificado do diamante (autenticidade, cor, peso) para garantir à família que realmente são aqueles os restos mortais da pessoa.

Ainda segundo as reportagens por mim consultadas na internet, a intenção de Leroy era engastar Velho em um pingente preso a um cordão de ouro e legá-lo à filha, Lygia. Esta, por sua vez, deveria repassá-lo para seu filho, Leandro Henrique, o neto com quem seu Jorge era “muito apegado”.

Cumpra observar que a aceitação da cremação por parte dos cristãos do Ocidente é um processo recente na história da humanidade (RODRIGUES, 2006, p. 176-177) e, para muitos, ainda controversa. A autorização por parte da Igreja Católica, por exemplo, só se deu em 1963, após o Concílio Vaticano II, ainda que a prática já se observasse desde o final do século XIX. Nos últimos quarenta anos é que se intensificaram novas relações entre cinzas de mortos e enlutados. Por isso, é compreensível que alguns familiares de Leroy tenham se posicionado contrários à incineração de Jorge em 2008. Mas ela manteve a decisão e fez questão de compartilhar o feito para além de suas relações, concedendo entrevistas a diversos veículos de comunicação.

Enquanto no Brasil é raro falar sobre a transformação de cinzas mortuárias em diamantes – o caso de Leroy é exceção¹⁰ –, encontrei em periódicos espanhóis, italianos, estadunidenses e japoneses, entre outros, vasto material contendo narrativas sobre o assunto¹¹. O mesmo se deu quando percorri o site do laboratório suíço, assim como nos perfis da empresa na rede social Facebook: depoimentos e comentários positivos, mas também um conjunto de acusações e críticas dirigidas a familiares e ao próprio negócio. Há, inclusive, uma gama de comentários

¹⁰ Entrei em contato com o Crematório Metropolitano de Porto Alegre para saber se poderiam me indicar alguns entrevistados, mas fui informada de que os nomes desses clientes são mantidos em sigilo. No entanto, asseguraram-me que já existem diamantes humanos no Rio Grande do Sul.

¹¹ Segundo a Algordanza, o serviço é oferecido em 22 países.

colocando em dúvida a honestidade dos laboratórios em relação às certificações.

Um portal espanhol¹² apresenta o relato de Carmen, uma mulher que leva um diamante de 0,75 quilate acoplado a um aro de ouro branco no dedo anular da mão esquerda. À pedra que adorna o anel ela se refere como Rafael, seu marido, vítima de um infarto fulminante aos 62 anos, sofrido enquanto dirigia. “Ver-se transformado num diamante o encantaria. Ele era um homem muito galante”, declarou a viúva ao repórter, enfatizando a saudade que sente do companheiro de 22 anos. É uma joia “muito pura”, acredita, encontrando a confirmação no certificado de garantia, documento este atestando que a gema é feita das cinzas do morto purificadas durante um ano no laboratório até ser um diamante.

Quando Rafael atingiu o formato encomendado – lapidação esmeralda em pedra azul-acinzentada –, retornou para Carmen. Então se iniciou uma nova etapa na vida do casal. Até o antigo hábito de degustar uma dose de gin tônica a dois no fim de tarde, na varanda da casa, foi retomado. É com o anel na mão que a viúva se acomoda para contemplar o pôr-do-sol – ela, Rafael e o gin tônica. “O que senti no primeiro dia? Coloquei a pedra na mão e lhe disse, com alegria: ‘Que bonito que ficaste, macho!’”. (OLMEDO, 2007).

Ao pesquisar sobre o laboratório Algordanza na ferramenta de busca Google, encontrei material significativo referente à encomenda de diamantes humanos entre italianos. A revista *Oggi* de dezembro de 2015, por exemplo, tem uma reportagem em que mulheres exibem joias elaboradas com restos de companheiros (BUONANNO, 2015). Uma das entrevistadas é Linda, 39 anos, cujo marido, Sandro, falecera havia pouco mais de um ano, aos 46, vítima de um linfoma. Convertido em diamante, ele foi acrescentado a uma joia que deu à esposa. Lado a lado, repousam a pedra originária do anel e outra mais azulada, esta feita com as cinzas de Sandro. De acordo com Linda, a ideia de cremá-lo e fazer de suas cinzas diamante resultou de um esforço para evitar que o corpo do cônjuge acabasse embaixo ou atrás de uma lápide “fria”. A outra personagem da matéria é Annamaria, 64 anos, que porta uma corrente com o diamante do marido acoplado. Segundo ela, um modo de “perpetuar a beleza” e de fazer “prevalecer a luz”.

A essa altura de minhas buscas, intrigava-me a recorrência de maridos convertidos em diamantes e exibidos por mulheres. Encontrei depoimentos de filhos que encomendaram joias das cinzas de suas mães e mães que fizeram o mesmo com as cinzas de seus filhos. Achei, ainda, uma entrevista com um dos fundadores do laboratório Algordanza, Rinaldo Willy, na qual ele confirma que, na maioria dos casos, quem encaminha cinzas de falecidos são viúvas e mães. Essa percepção vai ao encontro do que venho constatando em meu trabalho etnográfico, a saber, que a noção de *joia de família*, tanto como adorno transmitido ou metáfora, habita o universo reservado aos papéis femininos dos arranjos familiares, com protagonismo conferido às mulheres na produção e reprodução das heranças ligadas às memórias afetivas, como objetos de memória, narrativas com carga emocional e fotografias (LINS DE BARROS, 1987; GOTMAN, 1988), ainda que a maior parte dos ancestrais lapidados e tornados diamantes sejam os homens, estes mais preocupados com a transmissão de nomes e sobrenomes.

¹² OLMEDO, Ildelfonso. La difunta Dolores es un diamante. **El Mundo**, n. 588, 4 fev. 2007. Disponível em www.elmundo.es/suplementos/cronica/2007/588/1170543602.html. Acesso em 6 nov. 2015.

Objetos de afeto e saudade

Adornos contendo pedaços/restos de pessoas vivas ou mortas não são novidades no mundo ocidental. Nos séculos XVIII e XIX, por exemplo, joias de afeto, luto ou saudade feitas com cabelos humanos de falecidos eram comuns entre as camadas altas da Europa e das Américas, sobretudo no período vitoriano¹³. Diferentemente de hoje, os cabelos dos mortos daquela época conferiam *status*, principalmente quando trançados ou remodelados junto a ouro, prata e outros materiais “preciosos”. Atualmente, lembra-nos Douglas (s/d), pelos fora do lugar provocam repulsa, são indesejáveis, impuros, sujos, perigosos. Objetos de museu¹⁴, as joias de cabelo passaram para o registro do bizarro, do estranho, do tétrico. Saíram de moda.

Isto me faz questionar se as cinzas não espalhadas “na natureza” nem guardadas em crematórios, mas mantidas nas casas dos enlutados não poderiam ser pensadas como deslocadas, por vezes nojentas porque estão “fora do lugar” (toleradas porque estão fora do alcance dos olhos, dentro de urnas). Nesse contexto, torná-las diamantes seria uma possibilidade para devolver a pureza, o valor, o brilho ao morto, ou mesmo ao pré-morto. Aquele que morreu voltaria a ser único, singular, belo e admirável. Poderia retornar ao mundo social, ao convívio. Um retorno simbólico e físico à posição em que vivia e que relembra os seus guardiões seus modos de ser e estar no mundo. Diamantes humanos exibidos pelos herdeiros não apenas consolam e atenuam emoções, potencializando lembranças. Seriam marcadores cosmológicos (WAINER, 1992), agentes capazes de dar sobrevida a elementos da família e lembrar quem se é e de onde se vem. Porque a morte, escreve Rodrigues (2006), altera o curso normal das coisas, ameaça a coesão e a solidariedade do grupo.

Em contraste com ornatos vitorianos de cabelo – em cores escuras, opacos, despojados de excessos –, diamantes lapidados e reluzentes são pensados como valiosos. Não parece ser por acaso que meus colegas e interlocutores sempre me perguntam se os diamantes humanos são “caros”, e eu costumo lhes responder que, certamente, têm um valor mais alto ainda para os familiares, assim como joias de família de outra natureza. Considerando que as regras de transmissão dessas peças seguem uma lógica similar às das joias de família, arrisco inclui-las no conjunto desses adereços que tendem a circular no âmbito familiar.

O fato é que, passados os tempos vitorianos, enfeites corporais feitos de cabelo foram guardados, esquecidos, revendidos, negociados, doados a museus (SANTOS, 2014). O asco a fios naturais fora do local de origem – da cabeça – foi naturalizado. Manipular ou usar objetos feitos a partir de cabelos de entes queridos, que já foi a confirmação de laços importantes de afeto e saudade, é pensado como bizarro.

Assim como as joias de cabelo, os diamantes humanos são produzidos socialmente. Por mais que se insista na “pureza” e na “autenticidade”, são fabricados com carbono extraído de cinzas de corpos cremados, estas também resultantes de processos culturais.

¹³ Ver mais na tese da historiadora Irina Aragão dos Santos (UFF).

¹⁴ Em Salvador, na Bahia, há exemplares expostos em museus importantes, como o Costa Pinto e o Instituto Feminino.

O retorno do pré-morto

A *eficácia simbólica* (LÉVI-STRAUSS, 1996) dos diamantes humanos, enquanto mercadorias que valem a pena ser consumidas, depende de uma crença produzida no coletivo, crença esta que responde a uma fé compartilhada no valor, na pureza e na beleza de uma pedra “preciosa”. Como o valor do diamante humano também está na raridade das propriedades daquele de quem se extraiu o carbono para o processo químico, as qualidades do pré-morto têm de se atualizar e afirmar por ritos cotidianos, como relatos, narrativas, cuidados, reverências. A presentificação do pré-morto renascido das cinzas belo, reluzente e valioso age sobre os familiares e afetos, criando diferenças, expectativas e tensões dentro do grupo. Quem será o herdeiro desta joia da família? Como incluir esses diamantes em inventários? E se a pedra se perder? Se for roubada? E se parar em mãos “erradas”? E se sair do grupo?

O corpo na forma diamante afasta a ideia de decomposição, degradação. Mas isto, a incineração do cadáver também faz. Como observa Rodrigues (2006, p. 178):

A extremamente alta temperatura da cremação desempenha a mesma função simbólica da temperatura extremamente baixa da criogenização: fazer esquecer o morto, banir a morte, conservar a ilusão da vida através da abolição da noção de morte, através da decretação do fim do território onde os mortos vivem. E assim, produzir a verdadeira morte, a morte definitiva, a Morte.

O tornar-se diamante após uma viagem para a Suíça, onde os restos mortais são submetidos a temperaturas altíssimas e pressão, indica o retorno à vida do pré-morto na medida em que, como diamante, volta a conviver com as pessoas com quem construiu laços e que poderão almejar a posse do antepassado para legá-lo às gerações futuras. A joia não apenas confirma a pré-existência do que morreu – é a presença de um agente social capaz de prolongar as relações entre vivos e mortos, fazendo-nos pensar sobre novas formas de experimentar e dar sentido à morte e à vida, mesmo após os ritos funerários “tradicionalistas”.

Os casos dos diamantes humanos que viraram joias de família demonstram como essa noção de corpo, de morte, de eternidade e de presença é polissêmica. Em forma de pedra, o pré-morto não se deteriora e é desejado, mas que precisa ser atualizado pelo drama social. É a esperança de presença por gerações da ausência no mundo visível.

Considerações finais

Mencionei que uma das possibilidades de descarte dos corpos após funerais é a cremação, mas vimos que a forma de cinzas não esgota o drama social da morte nem a capacidade do pré-morto de agir sobre os vivos. Tornar-se diamante é uma alternativa para quem morre, ainda mais num contexto que promove e facilita a expansão do mercado funerário. Não que os processos e rituais convencionais não sejam marcados por trocas mercantis. É que falar sobre cinzas transmutadas em diamantes nos faz pensar em muitas outras questões, como o valor atribuído e pago pelo serviço.

Na Antropologia, a fronteira ontológica entre pessoas e coisas não é única, tampouco pode ser pensada a partir das noções de vida e morte. Considerar um corpo morto como uma coisa ou perceber como pessoa um diamante produzido em laboratório com carbono humano varia de contexto para outro, inclusive entre os mesmos sujeitos, em diferentes momentos e circunstâncias de suas vidas e de suas relações sociais.

Muitos autores chamam a atenção para a polissemia dos corpos mortos (RODRIGUES, 2006). Mesmo transformado em diamante – puro, limpo, brilhante, durável e valioso, apenas para usar algumas qualidades a eles atribuídas por familiares e profissionais dessa modalidade de serviço funerário –, a “gema humana” nem sempre é entendida da mesma forma por todas as pessoas, nem seus significados são estanques. Pedras que comportam em seus componentes restos de ancestrais, assim como outras formas de *memento mori* (HOLM, 2004) com “pedaços de gente” – refiro-me às joias de cabelo ou de luto, moda entre a boa sociedade das Américas e da Europa nos séculos XVIII e XIX (HOLM, 2004; SANTOS, 2014) –, parecem não apenas borrar as fronteiras entre objetos e pessoas, mas também criam outras formas de conexão entre vivos e mortos e vivos e pré-mortos.

Os exemplos que trouxe no artigo foram extraídos de reportagens publicadas em periódicos e sites no Brasil e no Exterior. Na forma de diamantes humanos, essas novas joias de família são incluídas em rituais posteriores a funerais e agem sobre sujeitos com quem se encontram na medida em que materializam a retomada da vida, prolongando a presença do pré-morto e sua circulação depois da cremação. São peças que, ao possuírem ingredientes de entes queridos, ganham novos significados socioculturais (HOLM, 2004). Desses encontros, parecem brotar novas práticas rituais, atualizando ações do passado no presente e promovendo a esperança de perpetuação do grupo. A durabilidade das pedras não é garantia de eternidade de quem morreu nem de seus descendentes. Para que não virem objetos de museu, a exemplo do que aconteceu no início do século XX com as joias de cabelo, arrisco afirmar que esses adornos lapidados e reluzentes precisam circular e provocar narrativas positivas e conexões entre sujeitos para que continuem agindo como personas sociais (HARPER, 2012) no mundo visível.

Referências

- AMADO, Jorge. **A morte e a morte de Quincas Berro Dágua**. Rio de Janeiro: Record, [1959] 1983.
- APPADURAI, Adjun. Introdução: mercadorias e a política de valor. In.: APPADURAI, Adjun. (Org.). **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói, RJ: Eduff, p. 14-88, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. À propôs de la famille comme catégorie réalisée. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, v. 100, p. 32-36, dez. 1993. Disponível em www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1993_num_100_1_3070. Acesso em 23 abr. 2018.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- BUONANNO, Maria Guiseppina. In questo gioiello cè mio marito. **Oggi**, n. 50, dez. 2015, p. 76-78. Disponível em <http://www.algordanzaitalia.it/diamantificazione-delle-ceneri/>. Acesso em 10 jun. 2016.
- CAILLÉ, Alain. Préface. In.: TAROT, Camille. **De Durkheim à Mauss, l'invention du symbolique: sociology et sciences des religion**. Paris: La Découverte/Mauss, p. 1-14, 1999.
- CAILLÉ, Alain. **Antropologia do dom: o terceiro paradigma**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- CAILLÉ, Alain. O dom entre interesse e “desinteressamento”. In.: MARTINS, P. H.; CAMPOS, R. B. C. **Polifonia do dom**. Recife: Editora Universitária, p. 25-66, 2006.

- DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**: ensaio sobre a noção de poluição e tabu. s/d
- GODBOU, Jacques. T. **O espírito da dádiva**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- GODELIER, Maurice. **L'énigme du don**. Malesherbes: Maury-Imprimeur, 2010.
- GOTMAN, Anne. **Hértier**. Paris: Presses Universitaires de France, 1988.
- HARPER, Sheila. "I'm Glad She Has Her Glasses On. That really makes the difference": Grave goods in English and American death rituals. **Journal of Material Culture**, SAGE, p. 43-59, 2012.
- HARPER, Sheila. The Social Agency of Dead Bodies. **Mortality**, vol 15, n. 4, p. 308-322, nov. 2010.
- HOCKEY, Jenny; KELLAHER, Leonie; PRENDERGAST, David. Blowing in the Wind? Identity, materiality, and the destinations of human ashes. **Journal of the Royal Anthropological Institute**. vol 12, n. 4, p. 881-89, dez. 2006. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/4092570>. Acesso em 3 jan. 2016.
- HOLM, Christiane. Sentimental Cuts: Eighteenth-Century Mourning Jewelry with Hair. **Eighteenth Century Studies**, vol 38, n. 1, p 139-143, 2004. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/30053632>. Acesso em 5 jul. 2015.
- HOWARTH, Glennys. Dismantling the boundaries between life and death. **Mortality**, v. 5, n. 2, p. 127-138, 2000.
- KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In.: APPADURAI, Adjun. (Org.). **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói, RJ: Eduff, p. 89-142, 2008.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Sociologia da emoção**: o Brasil urbano sob a ótica do luto. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.
- LE WITA, Béatrix. Mémoire: l'avenir du présent. **Terrain**: carnet du patrimoine ethnologique, n. 4, p. 15-26, mar. 1985.
- LE WITA, Béatrix. L'énigme des trois générations. In.: SEGALLEN, Martine (Org.). **Jeux de familles**. Paris: Presses du CNRS, 209-218, 1991.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- LÉVI-STRAUSS, C. A Família. In.: SPIRO, Melford et al.. **A família**: origem e evolução. Porto Alegre: Editorial Villa Martha, p. 7-45, 1980.
- LÉVI-STRAUSS, C. Introdução à obra de Marcel Mauss. In.: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, p. 11-46, 2003.
- LINS DE BARROS, Myriam. **Autoridade e afeto**: avós, filhos e netos na família brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.
- MAGS, André. Tecnologia torna as cinzas eternas. **Metro**. Porto Alegre, n. 993, ano 5, p. 6, 30 de out. 2015.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão das trocas nas sociedades arcaicas. In.: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, p. 183-314, 2003.

- MELLO, Kátia. Por que transformei meu marido em diamante. *Época*, 9 jul. 2009. Disponível em <http://colunas.revistaepoca.globo.com/mulher7por7/2009/07/09/por-que-transformei-as-cinzas-do-meu-marido-em-diamante/> Acesso em 5 jun. 2015.
- MENEZES, Rachel Aisengart; GOMES, Edlaine de Campos. “Seu funeral, sua escolha”: rituais fúnebres na contemporaneidade. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v. 54, n. 1, p. 99-131, 2011.
- MILLER, Daniel. Materiality: an introduction. In.: MILLER, Daniel (org). **Materiality**. Londres: Duke University Press, p. 1-50, 2005.
- MOURA, Brenda. Brilho Eterno. **O Fluminense**. 19 de julho de 2015. Disponível em <http://www.ofluminense.com.br/pt-br/revista/brilho-eterno> Acesso em 12 de maio de 2016.
- OLMEDO, Ildfonso. La difunta Dolores es un diamante. **El Mundo**, 4 fev. 2007. Disponível em www.elmundo.es/suplementos/cronica/2007/588/1170543602.html. Acesso em 6 nov. 2015.
- NEVES, Marcos Freire de Andrade. **Por onde vivem os mortos: o processo de fabricação da morte e da pessoa morta no segmento funerário de Porto Alegre**. 2014. Dissertação (mestrado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2014.
- RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.
- SANTOS, Irina Aragão dos. **Tramas de afeto e saudade: em busca de uma biografia dos objetos e práticas vitorianos no Brasil oitocentista**. 2014. Tese (Doutorado em História Comparada). Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, 2014.
- WEINER, Annette B. **Inalienable Possessions: the paradox of keeping-while-giving**. Berkeley/Los Angeles/Oxford: University of California Press, 1992.